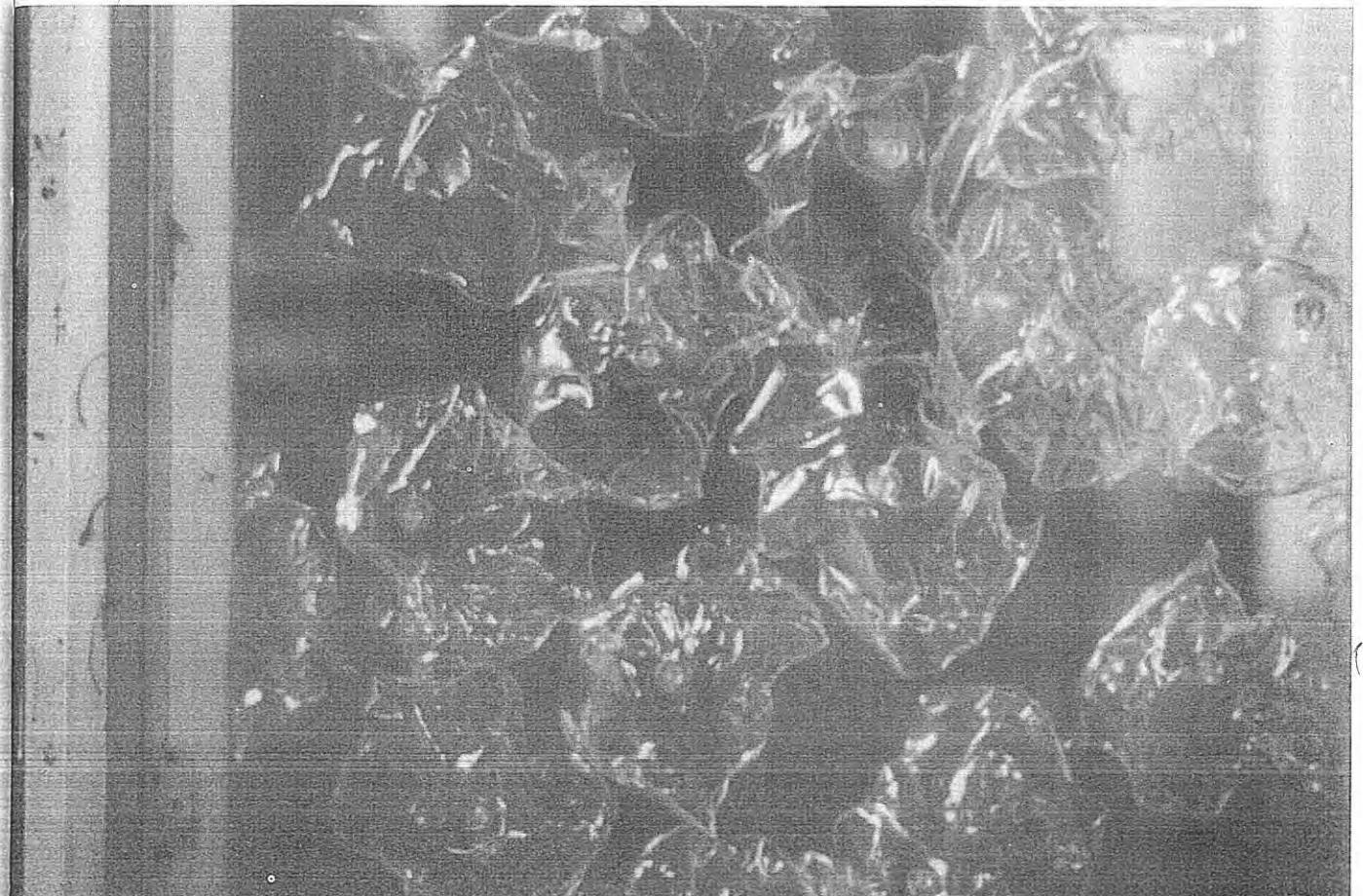


Materialidade Situs: um recorte espacial*

Ronald Duarte

Apresento oito fotos-registros da instalação criada especificamente para a dissertação final na área de linguagens visuais, em que analiso questões inerentes à estruturação do espaço, sua materialidade e transparência. A construção é fragmentada e aberta, instalada na arquitetura e polidirecional, como uma estrutura molecular, que permite interferência em sua constituição, vindo daí seu caráter de obra mutante.

Criei MATERIALIDADE SITUS, uma atitude pós-moderna que se caracteriza pela total aceitação do efêmero, do fragmentário, do descontínuo e do caótico e por não se opor ou transcender à idéia de modernidade, e sendo uma de suas possibilidades o diálogo com o espaço.





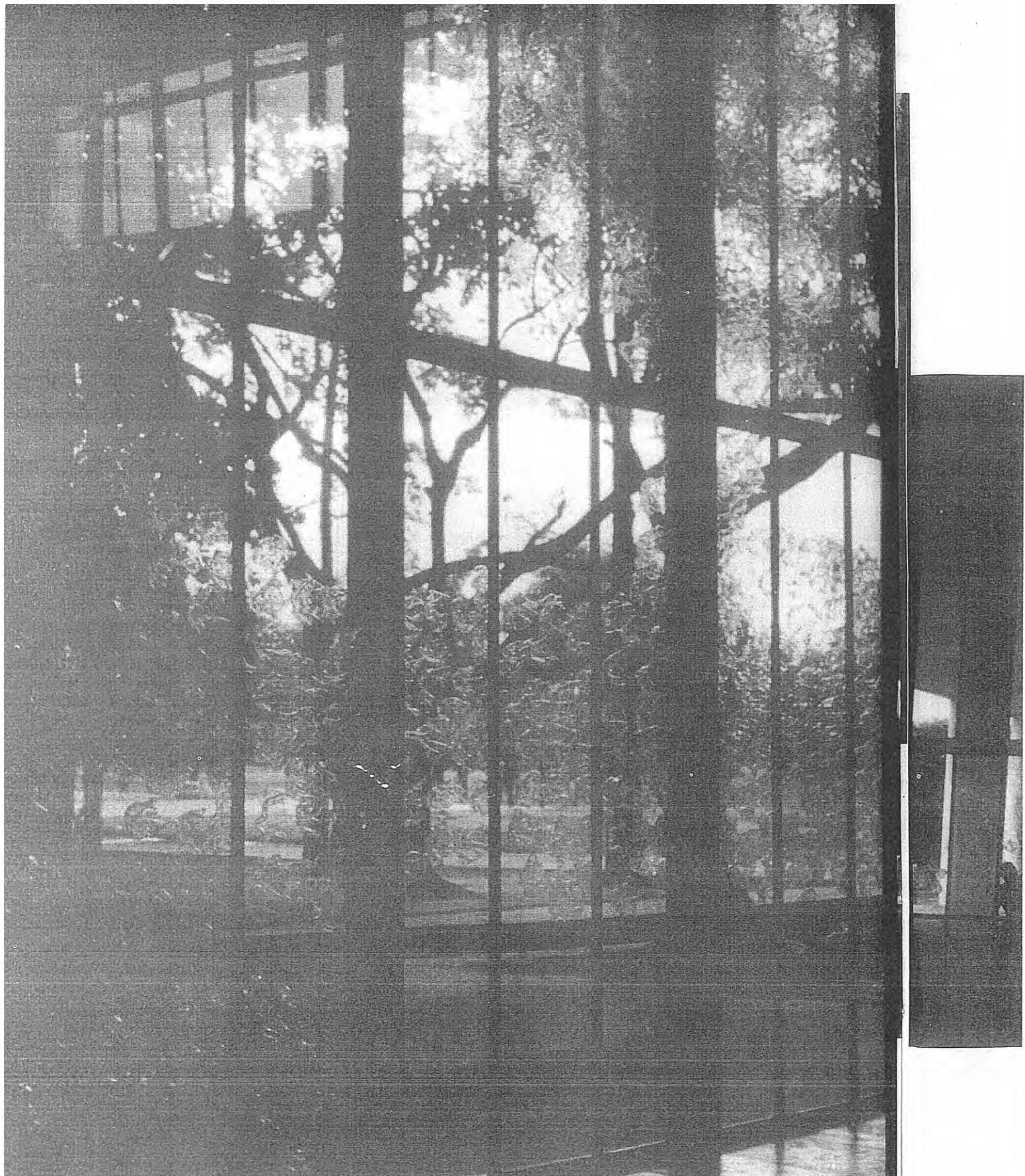


Trata-se de instalação criada a partir de garrafas com memória da forma cilíndrica em plástico – PET (Polietileno Tereftalado), composto químico construído por malha macromolecular –, material transparente de grande ductilidade, resistência, beleza plástica. Por meio da desconstrução do objeto industrial, planificado e contraído, crio estruturas e, nesse trabalho, analiso fundamentalmente questões inerentes à estruturação do espaço, sua materialidade e transparência.

Ao discutir a relação entre objeto e espaço, procuro evidenciar concepções de mapeamento inicial desse espaço peculiar, sua superfície, sua artificialmente e sua organicidade estrutural, que materializo nesse trabalho.

Como uma não dissertação, a dificuldade dessa proposta é não partir de um projeto pronto nem de um estado de ser completo; nela irão se manifestar características de constante elaboração de algo incompleto, mas presente no tempo da ação; e para tanto basta não estar feito, ser sempre eterno no tempo.

A construção é fragmentada e aberta, instalada na arquitetura, polidirecional, com uma estrutura molecular que permite interferência em sua constituição, do que resulta ser obra mutante.



Esse caráter construtivo e lúdico cria tensões com o espaço arquitetônico, que ora o aceita, ora o elimina, em constante jogo de divisão e visão através da transparência de uma estrutura, que ocupa uma extensão, como um deserto infinito.

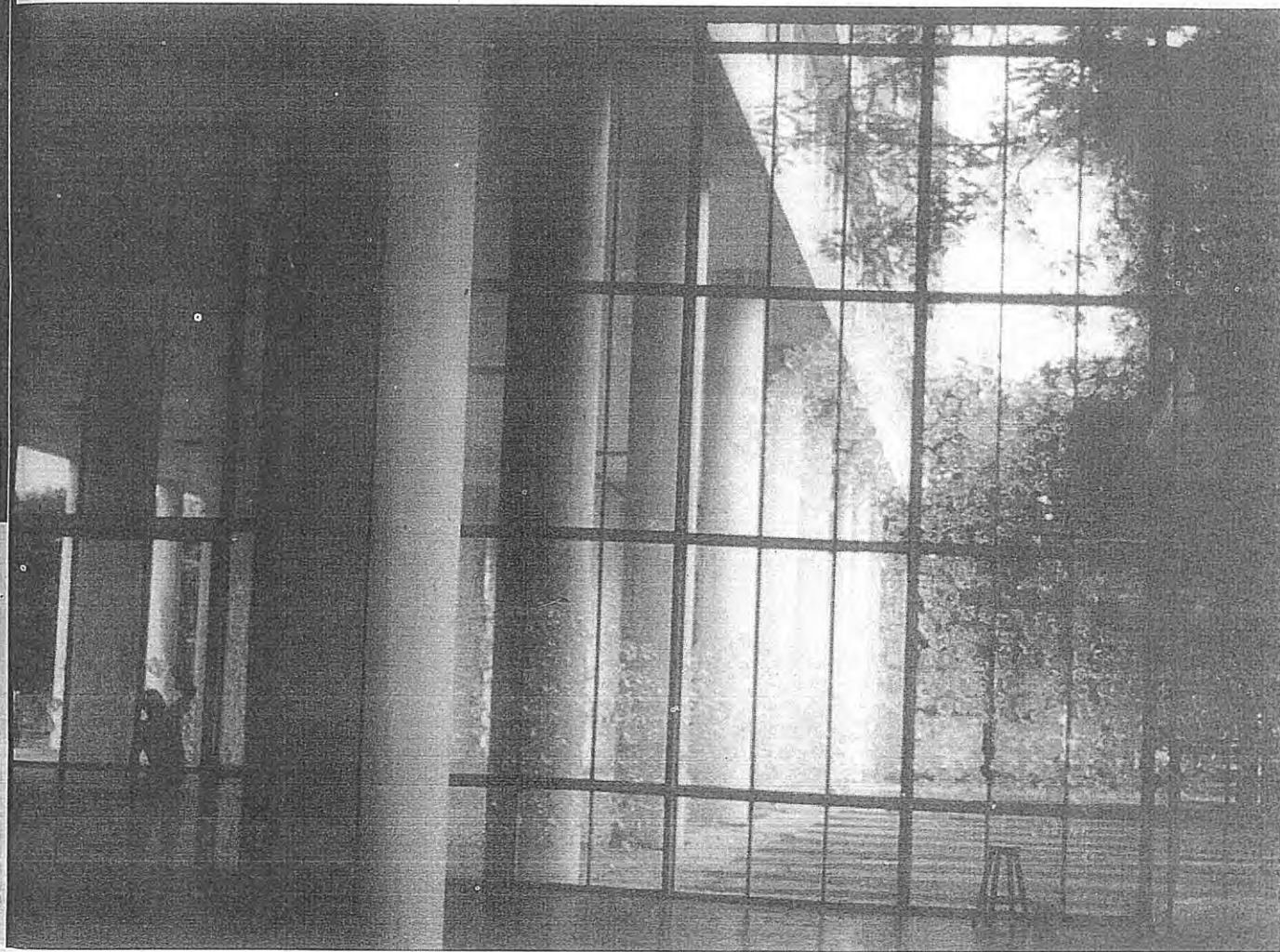
Devido a suas características materiais e conceituais, essa estrutura vislumbra a não ordem como uma situação potencial, permitindo recorte descontínuo que sugere a possibilidade de alteração e interferências reais ou imaginárias sem pré-determinismo e

sem a rigidez características das estruturas formais.

O artista diante da realidade da vida sem certeza alguma, e o mundo se lança como plano relativo e experimental, sendo a vida, em seu esboço e hesitação, o grande tema da arte.

O instante impregna a matéria de sua temporalidade, inscrevendo-se no mundo.

Penso que a obra está na obra: se construindo. A obra transparece, como

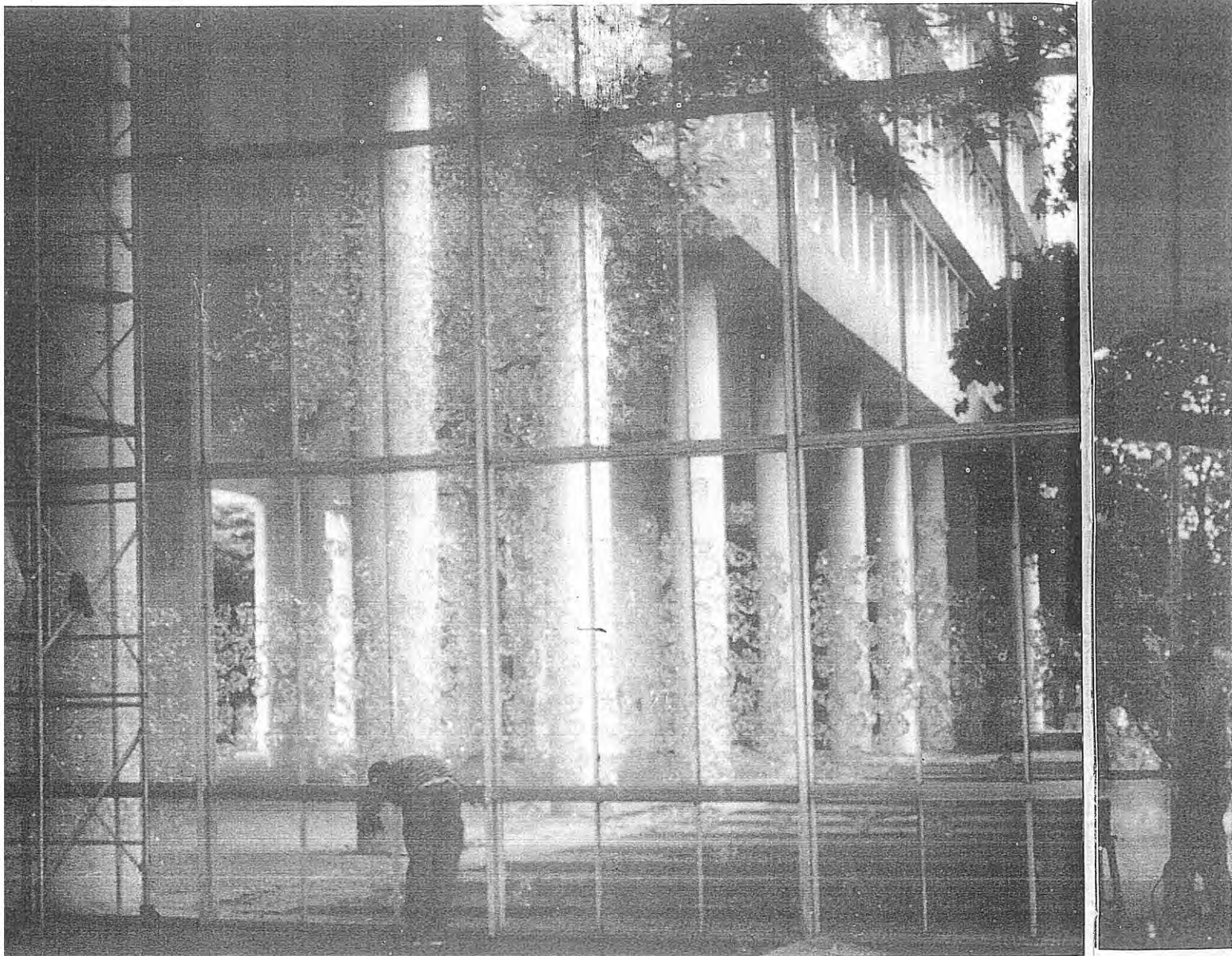


um recorte da matéria. Essa situação tem um tempo que se eterniza no presente.

O improvável, o impreciso, o etéreo, o inumano, a coisa vazia de sua própria realidade, o que ainda não existe, o quase, o abismo, o desconhecido. Viver é partir rumo ao desconhecido, é desbravar

silenciosos desertos. É perder todos os sentidos que possam sinalizar qualquer modo de existência, é ir além do fim é misturar-se à totalidade do universo e ser luz espacial, que caminha no tempo.

Acreditando ainda ser o artista um visionário, mesmo neste momento



impreciso, em que tudo se encontra esfacelado, fragmentado, sem certeza alguma, a arte sempre tentará tratar de questões atuais pulsantes, como a necessidade de vida, que pode estar a cada segundo morrendo; é como se houvesse uma troca justa, cada segundo que morro, materializo o eterno.

Ilustrações: Paulo Innocencio, fotos registro da instalação na Reitoria/UFRJ, maio de 1998.

*Síntese e ilustrações do trabalho final/dissertação apresentado no Mestrado em História da Arte, área de concentração Linguagens Visuais, 1998.



